

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Calar para mediar

A discricão do presidente da Câmara, Arthur Lira, em relação ao indulto do presidente Jair Bolsonaro ao deputado Daniel Silveira é justamente para deixar a espuma se desfazer. A ordem é apurar o sentimento da Casa ao longo do fim de semana.

Eles não querem interferência

De um modo geral, os parlamentares não querem ver o STF dizendo se um deputado deve ou não continuar no exercício do mandato. Daí, o recurso apresentado por Lira em pleno feriado de Tiradentes, para tornar a cassação de mandato atribuição exclusiva do plenário da Câmara.

Veja bem

Lira não quer briga com o STF, muito menos com os deputados. Afinal, enquanto potencial candidato à reeleição para mais um mandato no comando da Câmara, ele precisará dos votos dos bolsonaristas. E a turma de Lula declara desde já que não quer saber de reconduzi-lo ao cargo.

Ali, tem apoio

Na semana passada, a coluna publicou a declaração do secretário-geral do PT, Paulo Teixeira, que rechaça o apoio a Lira para mais dois anos como presidente da Câmara. Sem o lastro petista, o líder do Centrão está cada vez mais ligado aos bolsonaristas.

Eletrobras, onde "pega"

O governo quer fechar este mandato com a privatização da Eletrobras, mas o mercado está com um pé atrás. Até porque, com Lula na liderança das pesquisas, há um receio de que qualquer decisão tomada este ano sobre a venda da empresa possa ser revista em 2023.

Fragilidade da economia em segundo plano

O indulto a Daniel Silveira deixou o presidente Jair Bolsonaro no campo do enfrentamento que aglutinou seu público na eleição de 2018 e, de lá, o presidente só pretende sair quando a economia obter um respiro. Assim, ele consegue reunir grande parte do eleitorado conservador e o contingente de eleitores que mantém uma visão mais crítica ao STF

» » »

Só tem um probleminha: ao mesmo tempo em que o enfrentamento ao STF anima o segmento mais radical ligado ao presidente, a atitude atrapalha a economia. Desde o indulto, o dólar subiu, a bolsa caiu. E se os preços continuarem subindo, não haverá indulto que mantenha o eleitor feliz com o presidente Bolsonaro.



CURTIDAS

Ed Alves/CB/D.A Press



A decepção de Michelle/ Madrinha da indicação de André Mendonça para o Supremo Tribunal Federal, a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, não quer mais nem ver o ministro. Ela considerou o voto dele no caso Daniel Silveira uma "traição". Aliás, a presença dela quando o presidente fez o anúncio do indulto foi justamente para deixar clara a sua posição a respeito.

Vai que é tua/ Com o apoio de Eduardo Leite a João Doria, cai uma das justificativas que os aliados do ex-governador paulista têm usado para explicar o baixo índice nas pesquisas. Agora, pelo menos, esse ponto está resolvido.

Mas nem tanto/ A ala que não gosta de João Doria também decidiu dar um prazo para ver se o governador agrega mais votos. Doria, porém, acredita que crescimento mesmo, ele só conseguirá na campanha oficial. Ou seja, em 18 de maio, a aposta é a de que nada estará decidido.

ELEIÇÕES / Ex-governador gaúcho disse, ainda, que o PSDB deve ter candidato próprio e liderar terceira via na corrida presidencial

Leite declara apoio a Doria

» CRISTIANE NOBERTO

Redes Sociais/Reprodução

O ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite (PSDB) afirmou, em carta divulgada ontem, que irá apoiar a candidatura do ex-governador de São Paulo João Doria ao Palácio do Planalto nas eleições deste ano. O tucano defendeu, ainda, que o partido apresente um candidato próprio ao cargo.

"O PSDB deve ter candidato a presidente e liderar o centro democrático. Hoje este nome é João Doria, por decisão dele e das prévias — das quais nunca se buscou tirar legitimidade. Qualquer caminho diferente dependeria de entendimento com o próprio candidato escolhido. Assim, me coloco ao lado do meu partido e desta candidatura, na expectativa de que a união do PSDB contribua com a aguardada unificação dos atores políticos do centro daqui até a eleição de outubro", escreveu Eduardo Leite.

Na carta, o ex-governador gaúcho afirma que se encontrou com Doria na semana passada, por vontade própria, para selar a paz entre eles. "Tomei a



Leite disse que procurou Doria por iniciativa própria: conversa para superar diferenças

iniciativa e fui dizer que não faz sentido querer que partidos superem suas diferenças se, dentro do PSDB, não superarmos as nossas", afirmou o tucano.

Leite afirmou que pretende colaborar com o colega paulista.

"Ouvei do ex-governador João Doria que ele não abre mão de ser o candidato do PSDB à presidência da República. Ele tem este direito e esta legitimidade, vencedor das prévias que foi. E ele ouviu de mim que não serei

eu, que tanto prezo o diálogo democrático, que criarei entrave de qualquer natureza para tirar dele a vontade e o direito que tem. Repito: eu não renunciei para dividir o meu partido, mas para somar onde mais posso ajudar o meu



O PSDB deve ter candidato a presidente e liderar o centro democrático. Hoje, este nome é João Doria, por decisão dele e das prévias — das quais nunca se buscou tirar legitimidade"

Eduardo Leite, ex-governador do Rio Grande do Sul

estado e o meu país", escreveu.

Eduardo Leite reafirmou que continuará "andando e conversando pelo país" para frisar a posição do tucanato, especialmente os feitos realizados por ele na frente do governo do Rio

Grande do Sul. "Fizemos Um Só Rio Grande. É hora de fazer Um Só Brasil. E para isso, contem comigo para sermos um só PSDB", finalizou.

"Gesto honrado"

Horas depois da divulgação da carta aberta do gaúcho, João Doria agradeceu o apoio. "O gesto de reconhecimento de Eduardo, do resultado das prévias e pela candidatura única do PSDB para a presidência da República é prova de coerência e bom senso. Finalmente, foram superadas todas as divergências internas, corroborando com o resultado e a legitimidade das prévias que mobilizaram mais de 44 mil eleitores tucanos. É um gesto honrado, democrático e elogiável", escreveu.

Doria reforçou a pretensão de construir "uma candidatura forte do centro democrático". Contudo, diferentemente de Leite, que defende o PSDB como líder no processo de formação da terceira via, o paulista afirmou que deve ser "ao lado do MDB, União Brasil e Cidadania por um país mais justo, solidário e pacificado".

PSD avalia não lançar presidencial

» INGRID SOARES
» TAINÁ ANDRADE
» RAPHAEL FELICE

Após as tentativas frustradas de lançar presidenciais como Rodrigo Pacheco, Eduardo Leite e Paulo Hartung, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, está às voltas com a possibilidade de o partido abrir mão de um postulante ao Palácio do Planalto.

Kassab havia anunciado, no mês passado, que o partido sairia

com candidatura própria. Mas as dificuldades se impuseram. Outros possíveis nomes da legenda, como Otto Alencar (BA) ou Omar Aziz (AM), deixaram claro que não abririam mão dos projetos nos estados para concorrer à Presidência da República.

A tendência, segundo o deputado federal Fábio Trad (PSD-MS), vice-líder da sigla na Câmara, é de que os estados sejam liberados de alianças e apoiem o presidencialismo que desejarem. "Se confirmar a

ausência de candidatura própria, a tendência é que os integrantes sejam liberados para definir quem apoiar. Há diferenças regionais: a maioria dos deputados da região Norte, Nordeste e parte da região Centro-Oeste e Sudeste têm preferência por Lula. E o Sul e parte do Centro-Oeste e Sudeste, apoia Bolsonaro. Então a tendência será no sentido de liberar", relatou.

A estratégia de Kassab, por um lado, é de não comprometer a construção da bancada. Por

outro, o PSD quer se manter como um partido de centro, portanto há a tendência de o presidente do partido apoiar algum candidato que venha a ser definido pela terceira via.

"É complicado fechar com alguém nacionalmente. Kassab está fugindo de qualquer movimento que o engesse com alguém. Escolher um presidencial para o partido vai contra a lógica que ele tem trabalhado para os acordos que estão sendo

feitos regionalmente. Muita gente ficaria desconfortável", comentou uma fonte do partido ao **Correio**. "(Kassab) vai fazer que nem o União Brasil está fazendo: fica sem candidatura própria e libera quem está sem candidato", acrescentou.

Cauteloso, o senador Otto Alencar (PSD-BA) afirmou ainda não ter conversado sobre o assunto com Kassab, o que deve ocorrer nos próximos dias. "O ideal seria o PSD ter

candidato próprio no primeiro turno. Mas realmente esta estratégia de campanha é responsabilidade do Kassab que tem sido um excelente articulador e líder", alegou.

Também está prevista uma conversa com o senador Omar Aziz, no Amazonas. Ambos manifestaram apoio a Lula com aval da própria cúpula pesadista, mesmo quando a legenda ainda buscava uma candidatura presidencial.